

POR QUE O JUSTO SOFRE? UM ESTUDO DO SALMO 73 (72) A PARTIR DO MÉTODO DA "AGENDA PARA O ESTUDO DE UM TEXTO BÍBLICO"*

Why the just suffers? A study of the Psalm 73 (72) using the method of the "Handbook for the study of a biblical text"

Moisés Nonato Quintela Ponte, SJ**

Resumo

Este artigo tem duplo objetivo. Por um lado, pretendemos analisar o Salmo 73(72) acompanhando o itinerário de crise de fé do autor, que se depara com o sofrimento dos justos frente à prosperidade dos injustos. O salmista se pronuncia acerca de uma problemática que há séculos ecoa nas reflexões de judeus e cristãos, de um modo aguçado, realista e atual. Ele tem a coragem de refletir sobre um problema crucial para a fé sem fazer uso de soluções fáceis e sem a possibilidade de atenuar a dramaticidade da questão com a esperança de uma vida eterna. Por outro lado, almejamos fazer deste estudo um exemplo de aplicação da *Agenda para o estudo de um texto bíblico*, usada na FAJE, para quem dá seus primeiros passos no trabalho de exegese de uma perícopes bíblica.

Palavras-chave: sofrimento; justo/injusto; teodiceia.

Abstract

This article has a double purpose. On one hand, we intend to analyze Psalm 73 (72), following the faith crisis itinerary of the author who is faced with the suffering of the Just in view of the prosperity of the unjust. The

* Artigo enviado em 06/04/2011 e aprovado para publicação em 11/05/2011

** Graduado em filosofia e teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Mestrando em teologia na mesma Faculdade. Bolsista da FAPEMIG. E-mail: moises@jesuits.net

psalmist talks about an issue that has echoed for centuries in the reflections of Jews and Christians. He is sharp, realistic and contemporary. He has the courage to reflect on a faith's crucial issue without easy solutions and without the possibility of mitigating the dramatic nature of the issue with the hope of eternal life. On the other hand, we wish to give an example of the *Handbook for the study of a biblical text*, used at FAJE, to the people who take their first steps in the labor of exegesis of a biblical pericope.

Keywords: suffering; just/unjust; theodicy.

1. Problematização¹

Como crer em um Deus de amor e bondade num mundo repleto de sofrimentos cuja palavra última parece ser dada à violência e à irrupção insensata da morte moderna? Como não imaginar que Deus não liga para o sofrimento humano quando nos deparamos com o padecimento do inocente nas mãos do injusto? De que forma crer na justiça se, a cada ano, aumenta a distância entre os poucos detentores das riquezas e recursos mundiais e as multidões de pobres e miseráveis que têm o mínimo para sobreviver? Essas e outras questões, recorrentes nas crises de fé de muitos cristãos, amarguram-lhes o coração e lhes espicaçam os rins (v. 21). Elas ecoam, não obstante, há muito tempo, ganhando força e expressão em textos como o Salmo 73 (72), que neste artigo analisaremos.

2. Crítica textual / documental

Começemos nossa análise pelas principais dificuldades que as traduções e comentadores apontam quanto ao texto original. A primeira delas é indicada por Kraus (1995, p. 131) ao sugerir que o salmo em questão passou por uma revisão eloísta que corrigiu as ocorrências do nome de IHHW para Elohim. O v. 1b da versão massorética, considerando a divisão interna do versículo, parece corrompido. Desse modo, Carniti e Alonso Schökel (1996, p. 961) e Kraus (*Ibid.*, p. 131) alteram *lySr'l* Por *läyyär'el*, seguindo a sugestão do *parallelismus membrorum*. A tradução por nós adotada para "corpo" (*'ûläm*, v. 4b), segundo Kraus (*ibid.*, p. 131), é

¹ Para a análise deste salmo nos serviremos do esquema presente em *Agenda para o estudo de um texto bíblico*, de Johan Konings e Súsie Ribeiro (cf. 2008). Os títulos dos tópicos deste estudo correspondem aos da Agenda, mas não sua numeração, pois tomamos a liberdade de omitir ou reunir num só tópico o que a Agenda propõe em dois – este recurso é previsto pela própria Agenda (cf. p. 11). A título de exemplo, no que se refere à numeração dos tópicos da Agenda, o item sexto será omitido por não termos encontrado no salmo nenhum problema grave de incoerência literária. Já os itens 2 (delimitação do texto) e 8 (tradições e fontes) serão respectivamente incluídos nos itens 11 (arquitetura do texto, cf. *infra*, tópico 7) e 10 (os gêneros literários, cf. *infra*, tópico 6), como mencionaremos abaixo. Pelo fato de exigirem um conhecimento especializado, omitiremos ainda os seguintes tópicos da Agenda: 9 (redação), 12 (análise linguística), 14 (análise narrativa do discurso), 15 (análise pragmática) e 16 (intertextualidade e confronto cultural).

incerta, aparecendo apenas neste lugar no Antigo Testamento. Optamos no v. 7a – “Os olhos saltam-lhes da gordura” – pela tradução literal do massorético, ainda que outras versões preferiram traduzir o termo “olhos” por “maldade” (BJ – Bíblia de Jerusalém), “malícia” (Deissler, 1966, p. 341) ou “culpa” (Kraus, *ibid.*, p. 130), corrigindo-o com a septuaginta e a versão siríaca (cf. Deissler, *ibid.*, p. 342). Ainda Deissler e a BJ corrigem o pronome pessoal da versão massorética – uma vez mais com o auxílio da *peshitta* e da LXX – do v. 10a da terceira para a primeira pessoa, lendo “meu povo” no lugar de “seu povo”. O v. 17a, “Até que entrei no santuário de Deus”, ao que nos parece, é traduzido ao sabor da interpretação que se quer dar ao salmo. Evode Beaucamp, por exemplo, faz questão de traduzir por templo ou santuário divino, considerando o salmo como um canto destinado ao culto que se presta a uma confissão de fé pela comunidade dos fiéis (1979, p.5); Alonso Schökel, por sua vez, o traduzirá por “mistério de Deus” no intuito de ressaltar a experiência mística feita pelo salmista (*op. cit.*, p. 958); por fim, a BJ proporá a tradução literal “santuários divinos”, indicando que o salmista percebeu qual o fim do justo ao ver a ruína dos santuários pagãos (nota d). Para concluir, destacamos o consenso entre os comentadores por nós consultados em considerar o v. 26b, “a rocha do meu coração”, um acréscimo que quebra a métrica do texto (cf. Kraus, *op. cit.*, p. 132).

3. Texto / tradução instrumental

Abaixo, apresentamos o texto de que nos serviremos a partir de um esquema em quatro colunas, que respectivamente correspondem: 1) ao versículo da passagem; 2) ao texto em tradução de trabalho;² em parêntese está o que pertence à estrutura original do texto, mas que poderia ser prescindido; em colchete, o que não pertence ao original e poderia ser acrescentado; em negrito, os principais sinais literários; 3) aos elementos da estrutura formal do texto; 4) aos principais paralelos bíblicos.

ESQUEMA 1

1	Salmo. De Asaf.		
b	Com efeito , Deus é bom para o honrado ³ ,	Início: antífona introdutória. <i>Deus é bom.</i>	
c	para os puros de coração		
2	Mas por pouco tropeçaram meus pés,	A incômoda existência feliz do ímpio	
b	um nada e vacilavam meus passos,		
3	Porque invejei os perversos		Sl 37,1; Jó 21,13-26
b	vendo em paz os ímpios.		
4	Porque neles não há sofrimentos,		
b	corpulento e são é seu corpo;		
5	a fadiga dos mortais não os atinge,		
b	não são atormentados como os demais.		
6	Por isso , da soberba fazem um colar,		
b	e se vestem de violência.		
7	Os olhos saltam-lhes da gordura;		Sl 17,10; 119,70; Jó 15,27; 5,28

² Para esta tradução cotejamos as seguintes versões: BJ, BHT, BRP, CARTINI-SCHÖKEL (1996), KRAUS (1995), RAVASI (1983), WTT. As siglas das Bíblias consultadas e demais referências bibliográficas se encontram na bibliografia final.

³ Tradução proposta por Carniti e Schökel (cf. *op. cit.*, p. 961), alterando *lySr'l* Por *läyyär'el*. A mesma proposta é seguida por Kraus (*op. cit.*, p. 131), em conformidade com a sugestão do *parallelismus membrorum*.

b	do coração brotam-lhes fantasias.		
8	Insultam e falam maliciosamente,		
b	e do alto ameaçam oprimindo.		
9	Alçam aos céus sua boca,		
b	e sua língua percorre a terra.		
10	Por isso seu povo se volta para aí		
b	e os tem por fonte de que bebe a largos sorvos.		
11	Dizem: "Como Deus sabe?		
b	Há conhecimento no Altíssimo?"		
12	Eis que assim são os ímpios,		
b	sempre em paz acumulam riquezas.		
13	Com efeito , em vão mantive puro o coração	A amarga experiência do salmista, o justo.	MI 3,14
b	e, na inocência, lavei as minhas mãos.		=SI 26,6
14	Sou atormentado todo o dia,		Jó 7,18
b	castigado a cada manhã.		
15	Se eu dissesse: "Falarei como eles",		
b	eis que já trairia a geração de teus filhos.		
16	Refleti [então] para compreender ,	Incompreensão pela razão	
b	e que fadiga era isto aos meus olhos.		
17	Até que entrei no santuário de Deus,	Compreensão pela fé – iluminação e virada de perspectiva	
b	e compreendi o destino deles.		
18	Com efeito , tu os pões em lugares escorregadios,	O destino amargo do ímpio	
b	os precipitas na ruína.		SI 78,33
19	Como ficam de súbito terrificados,		
b	e findam consumidos de pavor!		
20	Como um sonho ao despertar, Senhor!		
b	Como imagens que se desprezam ao levantar-se.		
21	(porque) Quando meu coração se amargurava		
b	e se me espicavam os rins,		
22	(mas) eu era um bruto e ignorante ,		
b	era um animal ⁴ diante de ti.		Jó 40,15
23	Mas , continuamente contigo estarei,	O destino feliz do justo	
b	tomaste-me pela destra.		
24	Com teu conselho me guias,		SI 32,8
b	e, segundo tua glória, me arrebatas.		
25	Quem tenho eu nos céus ?		
b	Contigo, nada me agrada na terra.		
26	Ainda que se consumam meu coração e minha carne,		
b	a rocha do meu coração [e] a minha porção é Deus para sempre .		SI 16,5
27	Porque eis que perecem os que se afastam de ti;	Conclusão	
b	destróis os que, prostituindo-se, te deixam.		
28	Mas , bom é estar junto a Deus,	<i>Presença diante da bondade de Deus</i>	
b	pôr no Senhor DEUS o meu refúgio		
c	para contar todas suas obras.		

⁴ Literal: behemôt.

ESQUEMA 2⁵

Antífona introdutória: Deus tób (v. 1), a bondade divina

I. O díptico da vida do ímpio e do justo (vv. 2-16)

A. A existência feliz dos ímpios (vv. 2-12): Eles – Eu – Deus

Sinais literários: *'ak (v.1) salôm (v. 3)*

wa'anî (v. 2) 'amal (v. 5)

kî (vv. 3.4) naga' (v. 5)

laken (vv. 6.10) 'êkah (v. 11)

hinneh (v. 12) šlh (v. 12)

'ôlam (v. 12) šamayîm-'erec (v. 9)

B. A existência amarga do justo (vv. 13-16): Eu

Sinais literários: *'ak (v. 13) 'amal (v. 16)*

hinneh (v. 15) naga' (v. 14)

da'at (v. 16) 'ad (v. 17)

Dobradiça: da incompreensão (v. 16) à iluminação (v. 17)

II. O díptico do destino do ímpio e do justo (vv. 17-28)

A'. O destino amargo do ímpio (vv. 17-22): Deus – Eles – Eu

Sinais literários: *'ak (v. 18) 'êk (v. 19)*

da'at (v. 22) kî (v. 21)

'aharît (v. 17)

wa'anî (v. 22)

B'. O destino feliz do justo (vv. 23-28): Eu – Deus – Eles

Sinais literários: *wa'anî (v. 23)*
šamayîm-'erec (v. 25)

hinneh (v. 27)

'ôlam (v. 26)

'ahar (v. 24)

wa'anî (v. 28)

Epílogo: O meu bem-tób com Deus (vv. 27-28)

4. Lugar da perícopa dentro da obra

Diante da clássica divisão do saltério hebraico em cinco livros, o nosso salmo se encontra na abertura do terceiro conjunto de livros atribuídos a Asaf, sendo precedido pela seguinte doxologia⁶: "Bendito seja o SENHOR Deus, o Deus de Israel, porque só ele faz maravilhas e bendito seja para sempre o seu nome glorioso. E toda a terra se encha de sua glória. Amém. Amém!" (72, 18-19). A coleção de Asaf compreende o conjunto dos salmos 73-83, incluindo também o salmo 50. Para Ravasi (*Ibid.*, p. 492), o salmo 73 é um caso especial nesse conjunto, formando quase que uma síntese de seus elementos principais: elementos litúrgicos; presença de um tom de lamentação, como nos casos dos salmos 74, 77,

⁵ Esquema retirado de: Ravasi, op. cit., p. 502. Trata-se da mesma estruturação do texto que faz Carniti e Schökel, op. cit., p. 963.

⁶ Como se sabe, cada uma das cinco coletâneas que formam o saltério hebraico é finalizada por uma doxologia.

79, 80, 83; referência ao tema da aliança e da história de salvação etc. Mas também o nosso salmo tem uma marca peculiar diante da coletânea de Asaf. Ele se distancia da preocupação comum desses salmos em afirmar o julgamento de IHHW no quadro de um destino nacional e coletivo (BEAUCAMP, *op. cit.*, p. 4). Se o salmo 73, assim como os outros salmos de Asaf, pode ser compreendido como uma lamentação ou como uma meditação da história da aliança e de sua eficácia, isso se dá no contexto excepcional de “[...] uma voz singular e pessoal” (RAVASI, *op. cit.*, p. 492). O salmo 73 tem ainda outra peculiaridade, pertencendo a um contexto predominantemente eloísta, esse salmo parece de algum modo se ligar ao chamado suplemento javista (SI 84-89) pela referência a IHHW no v. 28b. Ainda sob este aspecto, se partirmos da tese de Kraus, radicalizaremos ainda mais a tese da peculiaridade do salmo 73 diante da coletânea de Asaf, uma vez que esse autor considera, como vimos no terceiro tópico, que o nosso salmo passou por uma revisão eloística a fim de ser acrescentado ao terceiro livro dos salmos.

5. Abordagem histórica e contexto sócio-histórico cultural

O nosso salmo comunga do mesmo destino da maioria dos textos dos *tehilim*, a saber, não há consenso para se firmar uma data de sua composição. A alusão ao templo, no v. 17, não permite, sem mais, que a crítica defina se se trata de uma obra concluída no período anterior ou posterior ao exílio. A única possibilidade de se chegar a alguma aproximação se dá mediante a consideração da temática e do estilo do texto. Ora, como o salmo 73 está repleto de temas próprios da teoria da retribuição, que aparece nos textos por volta do séc. VIII a.C. e cuja mais forte contestação se dá aproximadamente no final do séc. VII, com Jeremias (cf. RAVASI, *ibid.*, p. 497), poderíamos chegar à conclusão de que sua datação é pré-exílica. Contudo, temos também que considerar os elementos estilísticos do salmo. Nesse sentido, seu rico vocabulário e artificioso uso da língua, juntamente com sua grande sensibilidade e maturidade ao tratar o tema do sofrimento do justo, faz-nos lembrar o terceiro Isaías e MI 3,13-16, endereçando a datação do salmo ao período posterior ao exílio, possivelmente após a reconstrução do templo (cf. BEAUCAMP, *ibid.*, p. 5-6).

6. Os gêneros literários – tradições e fonte⁷

Encontramo-nos diante de um salmo que não é homogeneamente classificado quanto ao gênero literário. Há quem o considere como um texto litúrgico de profissão de fé em meio às adversidades da vida dos fiéis (cf. BEAUCAMP, *op. cit.*, p. 5), outros, por sua vez, (cf. DEISSLER, *op. cit.*, p. 342-343; KRAUS, *op. cit.*, p. 132-134) afirmam que se trata de uma

⁷ O item oito da *Agenda* prevê que se examine o que o autor recebeu no seu texto de alguma tradição precedente. Ora, em nosso caso, não há como compreender a influência exercida no salmo 73 sem que se considere o fato que, de alguma forma, o nosso texto bebeu da tradição sapiencial. No entanto, assim procedendo, situamo-nos dentro da temática própria do tem 10 da *Agenda*, pois haveremos de passar à consideração do gênero literário.

poesia marcada indubitavelmente pelo estilo sapiencial e, mais especificamente, pelo gênero didático. Mas isto sem que sua forma corresponda à estruturação clássica das composições didáticas, a exemplo do que acontece nos salmos 37 e 49. Neles, registra-se explicitamente o fato de se estar dando um ensinamento. Ao contrário disso, o salmo 73 se apresenta como um caso especial, chegando mesmo a conjugar elementos de ação de graças, descrição, confissão... Diante de tais dificuldades, levanta-se a hipótese de que o salmo 73 pertença a um caso especial do gênero didático, cuja peculiaridade se encontra em fundamentar a mensagem que se quer ensinar em uma experiência concreta de vida, fazendo uso de um recurso autobiográfico em que se comunica uma experiência pessoal genuína que, por não ser uma sabedoria abstrata, dá origem a uma verdade suprapessoal.

Carniti e Alonso Schökel (*op. cit.*, p. 962) e Ravasi (*op. cit.*, p. 493-497) concordam com a tese de que o nosso salmo pertence ao grande gênero literário sapiencial e que seja uma poesia marcadamente pessoal, mas discordam da posição que trata o salmo sob o viés didático, afirmando, antes, se tratar de uma meditação sapiencial no espírito de uma teodiceia – apenas resolvida pela revelação divina e não por mera reflexão pessoal. Estamos assim diante do resultado de uma busca pessoal que poeticamente se expressa em forma de oração, revestindo-se de tom místico: “[...] o poema se torna místico e, como tal, inefável e incatalogável” (RAVASI, *ibid.*, p. 497).

De nossa parte, preferimos optar por essa última vertente, considerando o salmo 73 como exemplo do gênero sapiencial de meditação pessoal. Desse modo, é possível vislumbrar as fontes que, possivelmente, suscitaram nosso salmo. Primeiramente, vale destacar que o salmo 73 é devedor da crítica à teologia da retribuição encontrada no livro de Jó, mas também em trechos do profeta Jeremias. Em segundo lugar, considerando as especificidades que marcam o grande gênero sapiencial, percebe-se considerável quantidade de traços que o salmo recebe dessa tradição: antítese entre ímpio e justo; a certeza da prosperidade deste e da ruína daquele (Pr. 2,22; 4,19; 3,25; 6,15; 10,27; 12,7; 13,9; 24,20.22; Jó 15,20-35; 18,5-21; 20,5-9; 27,12-13); “inveja” designada na confrontação do sucesso da injustiça e dos triunfos dos ímpios (Pr. 3,31; 23,17; 24,1.19; Jó 21,6; Sl 37,1.7-8; 49,17). Em terceiro lugar, vale ressaltar a grande quantidade de termos próprios da literatura sapiencial presente no salmo: *yada'*, *bîn*, *lebab*, *'esah*, *tôkahat*, *ba'ar*, *hašab* etc (cf. CARNITI; ALONSO SCHÖKEL, *ibid.*, p. 964; RAVASI, *ibid.*, p. 495).

7. A arquitetura do texto⁸

Para esta seção nos serviremos do esquema 2 (cf. supra), em conformidade com a proposta de estruturação do texto de Carniti e Alonso Schökel, assim como a de Ravasi. Esses autores compreendem o salmo 73 num movimento dramático que vai da crise de fé do salmista, ao constatar a disparidade entre a existência feliz dos ímpios (vv. 2-12) e a existência amarga do justo (vv. 13-16), à compreensão, mediante uma experiência radical de fé (v. 17), do verdadeiro destino do ímpio (vv. 17-22) e do justo (vv. 23-28). Na passagem de uma compreensão a outra, inverte-se a realidade, melhor ainda, vê-se a existência sob outro ângulo, isto é, desde a perspectiva da bondade de Deus, afirmada seja na antífona introdutória do salmo (v. 1) seja em sua conclusão (v. 28). De acordo com nossa estruturação, o salmo é dividido em dois grandes blocos que se ligam por uma sorte de dobradiça nos vv. 16 e 17. Na experiência de fé do v. 17, que se situa num contexto místico de revelação divina, reside a chave de interpretação de todo o salmo. De fato, do modo como se apresenta e se estrutura o texto, sem essa experiência, não existiria nem a primeira nem, muito menos, a segunda parte do salmo. É pelo fato de ter compreendido o destino dos malvados que os pés do salmista não resvalaram (v. 2), não se precipitando na ruína total a que se destinam os ímpios (v. 18). O v. 17 é como um centro de gravidade sobre o qual se equilibram as partes do salmo – somente em Deus se pode compreender sua bondade (v. 1; 28), sua justiça.

A arquitetura do texto tem, portanto, um ponto de apoio que permite às suas partes uma perfeita correspondência. Neste sentido, vale observar os sinais literários estruturadores do texto que ligam as duas partes num movimento antitético. Assim, a prosperidade eterna do ímpio no v. 2 se contrasta com a porção eterna que é Deus recebida pelo salmista no v. 26; o que parecia ser queda para o justo no v. 2, mostra-se como desmoronamento total do ímpio no v. 18. Como aqui o nosso intuito é apenas de fornecer exemplos, basta-nos assinalar essas correspondências, sabendo não obstante que há ainda muitas outras no texto às quais enviamos ao esquema 2 e à análise de Carniti e Alonso Schökel (*op. cit.*, p. 963-964) e Ravasi (*op. cit.*, p. 500-501).

Resta-nos, por fim, destacar o movimento entre três personagens que marcam a poesia: o sujeito (eu); os malvados (eles) e Deus. Em A, dominam os malvados (eles), mas dentro da visão do Eu, desprezando Deus. Em B, domina totalmente o Eu, em luta e processo para compreender; em A' domina Deus, em segunda pessoa, determinando o destino deles; em B', finalmente, a união intensa entre Eu e Deus, enfocando, por outro lado, o triste destino de quem de Deus se aparta.

⁸ Também neste item optamos por incluir outro tópico previsto pela *Agenda*, a saber, o item 2, que deve considerar a delimitação do texto, mostrando seu início, desenvolvimento e fim. Uma vez que todos esses elementos, direta ou indiretamente, deveriam ser uma vez mais retomados nesta seção, resolvemos tratar tudo de uma só vez.

8. A análise semântica, sentido do texto⁹

O salmo 73 se abre afirmando a bondade de Deus. O v. 1 como que antecipa aquilo que será dito na conclusão do salmo, no v. 28. Kraus radicaliza ainda mais essa perspectiva ao afirmar que não se trata apenas de uma antecipação, mas de uma “[...] superação das tensões e tentações descritas no salmo” (op. cit., p. 135). Mas a quem se dirige a bondade de Deus? Ora, para os puros de coração, para os homens honrados (*läyyär’el*). Estes, de fato, são aqueles que procedem bem em sua vida. Contudo, estamos diante de “[...] um aforismo sapiencial que se interessa também pela interioridade do homem, buscando seu bem na relação com Deus” (CARNITI; ALONSO SCHÖKEL, op. cit., p. 966). Isso quer dizer que desde o começo o autor especifica bem a sua tese: Deus é bom, mas somente o pode assim experimentá-lo quem pratica a justiça e vive na sua presença (v. 28). Aparentemente, tudo parece simples. Nesse sentido, o autor poderia proceder como no Sl 37, buscando ilustrações as mais diversas para facilitar a compreensão de sua tese, ou como no salmo 49 em que devem ser obedecidas as palavras do salmista em razão de sua autoridade de mestre (v. 4). Mas esse não é o caminho que trilhará o salmista a partir do v. 2. Não parte em tom afirmativo e otimista, mas a partir de objeções que mostram o salmista com os pés bem firmes no chão. Ele não desconhece a realidade dramática da injustiça. A afirmação de que Deus é bom para os justos não pode ser empiricamente confirmada. O salmo se reveste de um tom altamente expressivo, concreto. Não faz afirmações abstratas, mas diz aquilo que se pode observar com os olhos, cheirar com o nariz, escutar com os ouvidos, saborear com o paladar e sentir com o tato.

Desde o v. 2 ele afirma que seus pés por um pouco não tropeçaram, por um nada seus passos não vacilaram. De fato, este “por um pouco” deixa claro, uma vez mais no início do texto, que quem está falando não caiu. Previamente se sabe que a palavra final do salmo será de confiança apesar das adversidades. Mas isso em nada tira o impacto que experimenta uma pessoa que se encontrava à beira do abismo, quando tomada pela mão direita (v. 23b) e arrebatada do precipício (v. 24b). Mesmo tendo sido salvo, o salmista experimentou na pele o que é o medo e o pavor. Mais ainda, o fato de ter sido salvo não quer dizer que ele não possa sucumbir uma vez mais ao mesmo risco. Ora, o sentimento de inveja despertado pelos olhos que vêem o ímpio vivendo em paz – *shalom* (v. 3) – e sem sofrimento algum (v. 4a), pode uma vez mais retornar. Particularmente em nosso caso, torna-se mais evidente porque consideramos o salmo fazendo parte do gênero sapiencial de meditação pessoal, pois aquele que fala, não é o mestre, mas o aprendiz da bondade de Deus na contraditoriedade da vida humana. Por isso, ele não teme expressar em imagens “cenas que contradizem a doutrina recebida [...] A

⁹ Reunimos aqui os itens 13 e 17 da *Agenda* (cf. p. 24-25. 27-28).

fantasia é a 'louca da casa' que faz cada vez mais difícil meditar sobre o tema" (CARNITI; ALONSO SCHÖKEL, op. cit., p. 967).

E de quem fala o justo nos vv. 2-12? Deles, dos ímpios. O uso da terceira pessoa do plural será uma marca nesta primeira seção da primeira parte do salmo. Eles são corpulentos, têm um corpo sadio (v. 4), jamais parecem atormentados (v. 5b), como se a fadiga condenada por Deus a Adão e à sua geração (aos mortais, v. 5a), após o pecado no paraíso, não os atingisse. Logo a eles que se vestem de violência (6b) e cujo colar ao pescoço se lhes forma em virtude da soberba (6a)! Desoladora imagem, os genitores do pecado não conhecem sofrimento. A partir do v. 7, vemos se avolumar a perversidade desses ímpios que é pintada em traços fortes. Eles se põem numa alta posição, vendo a todos de cima, soberanamente (v. 8b). Chegam ao cúmulo de alçar aos céus sua boca (v. 9a). Não apenas aos justos ferem com sua voz maliciosa (v. 8a), mas também a Deus que fez os céus a terra e a quem não reconhecem (v. 11). Assim, pois, são caracterizados os ímpios (v. 12), levando o salmista à pergunta: e Eu, como me encontro diante dessa realidade tão pujante?

A resposta é dada na segunda seção (vv. 13-17) da primeira parte do salmo. A partir de agora o autor vai se voltar sobre si mesmo, predominando o uso da primeira pessoa do singular. A conclusão do salmista não poderia ser mais negativa: "Com efeito, em vão mantive puro o coração e, na inocência, lavei as minhas mãos" (v. 13). Ora, para um contexto em que se esperava, da parte de Deus, uma justa retribuição às boas ações dos justos e às más ações dos ímpios, a constatação empírica da primeira seção se revela como escandalosa. A experiência mostrou que a doutrina da retribuição era vã, pois como pode o justo ser atormentado o dia inteiro (v. 14a) quando o injusto não o é (v. 5b)?

Diante de tudo o que pôde ver dos injustos, e da maledicência que de suas bocas ouviu, surge-lhe, então, uma viva tentação: falar como eles (v. 15a). Pensa em desistir do caminho trilhado por toda uma vida, como se tivesse colocado suas esperanças numa ilusão (v. 20). Neste momento, o salmista faz a mesma experiência de Malaquias: "Não vale a pena servir a Deus: que proveito temos em guardar seus mandamentos? [...]" (3,14). Há aqui, contudo, uma diferença crucial. O profeta Malaquias chega a mencionar uma primeira pessoa do plural enquanto o nosso salmista se perde num monólogo interior. Somente quando vislumbra algo para além de seu próprio "eu", uma esperança começa a cintilar: "Se eu dissesse: 'Falarei como eles', eis que já trairia a geração de teus filhos" (v. 15). Nesta passagem, o justo começa a perceber uma realidade que tem valor em si mesma. Apraz-lhe continuar o seu caminho porque o pertencer à geração dos filhos de Deus passa a constituir uma realidade em que o salmista sente consolação e retribuição. Mas o problema ainda não se resolve. A experiência do v. 15 não é suficiente para afirmar a bondade de Deus uma vez que ela em nada muda a dura realidade anteriormente constatada. Desse modo, o salmista irá em busca de encontrar alguma

razão; quer compreender (v. 16a), mas tudo permanece obscuro, nada conseguindo ver (v. 16b).

Então, uma experiência inesperada acontece: “Até que entrei no santuário de Deus, e compreendi o destino deles” (v. 17). Em nossa estruturação do texto, propomos esse versículo como o eixo fundamental de todo o salmo. Há um antes e um depois do v. 17 e, como já dissemos, mesmo o que vem antes só ganha seu pleno sentido à luz da experiência no santuário de Deus mencionada pelo salmista. Interessa destacar que não há aqui uma descrição do que se passou, não sabemos se se trata de um caso de teofania ou de revelação de Deus através de uma mensagem (cf. KRAUS, *op. cit.*, p. 139). Porém, o mais importante se pode presumir: no santuário – indicativo da presença de Deus –, o salmista fez uma experiência que por si mesmo não foi capaz de fazer (vv. 13-16); experiência que lhe advém de fora, à semelhança, por assim dizer, de uma graça concedida. Nesse sentido, o que não conseguira por seu próprio esforço, conseguiu gratuitamente ao entrar no santuário. Sob este aspecto, Rivasi afirma abertamente: “A crise e o escândalo são dissipados através de uma experiência religiosa que se torna luz fulgurante dando força para se continuar o itinerário da vida”, e ainda: “[...] o ingresso no templo e na graça renovou o ‘compreender’, isto é, a consciência, a vida brilhante do ímpio, inicialmente examinada com ódio, se revela na sua verdade [...] anulando a segurança do orgulho e do egoísmo humano e desvelando toda fragilidade” (*op. cit.*, p. 517; 520). Portanto, com o v. 17 temos uma mudança de orientação. Um “tu” se interpõe no seu caminho, dando início à primeira seção da segunda parte do salmo (vv. 17-22). A partir do v. 18 o salmista parece responder à palavra que de Deus lhe adveio no v. 17. Desse modo, o salmista percebe o destino dos ímpios: não a paz (*shalom*), mas o terror, o pavor, a aniquilação (v. 19); não as alturas celestes (v. 9), mas a ruína, a queda (v. 18). Aquilo que parecia a verdade mais vívida aos olhos, boca, nariz... agora se torna uma imagem que se dissipa, um sonho que se despreza (v. 20). Não, não foi em vão que ele se manteve puro de coração! Ao contrário, vã foi a experiência de estar aprisionado no mundo fechado de seu “eu”, consumindo-se por dentro de inveja, experimentando o amargor de seu coração e o espicaçar de seus rins (v. 21)! Após imaginar tudo saber, duvidando da bondade de Deus pela evidência das injustiças praticadas pelos malvados, percebeu que, na verdade, agira como um bruto, um ignorante, um *behemot* (v. 22).

Como que meditando acerca da experiência central do v. 17, o autor, na segunda seção da segunda parte do salmo (vv. 23-28), não pára de se maravilhar com a gama de significados que ela lhe possibilita. O maior de todos, é a própria relação com Deus. Ele experimenta “Não uma teoria dos acontecimentos, não uma resposta pessoal a um problema, mas uma presença pessoal” (CARNITI; ALONSO SCHÖKEL, *op. cit.*, p. 972). Entre os estudiosos, essa última parte do salmo foi causa de grandes desentendimentos. Muitos leram os vv. 24-26 em chave escatológica. Agostinho, por exemplo, compreendeu a passagem feita pelo salmista da

crise – diante do sucesso do ímpio e sofrimento do injusto – à alegria – perante a justiça de Deus que faz cair o ímpio e glorifica o justo –, como uma compreensão que teve o salmista de que sua experiência era figura da “glória futura que se manifestará em nós” (Rm 8,18). Para o bispo de Hipona, o que está em jogo no salmo 73 é o bem verdadeiro prometido por Deus à humanidade que não se resume em coisas temporais que logo perecem, mas no bem maior que é Ele mesmo, a vida eterna em Deus. Desse modo, Agostinho dirá que os vv. 24-25 figuram a glória eterna e a vida celeste em Jesus Cristo, enfatizando que a compreensão do salmista experimentada no templo (v. 17) não é fruto de uma descoberta intelectual, mas dom de Deus que revela seus desígnios. Juntamente com Agostinho, muitos outros encontrarão nas expressões “me arrebatas” (v. 26b), “que tenho nos céus [senão a ti]?” (v.25a), “a minha porção é Deus para sempre [para a eternidade]” (v. 26 b) uma prefiguração escatológica cristã. Morla Asensio (cf. 1994, p. 345) adverte que, ainda que essas expressões possam ecoar aos ouvidos cristãos com um tom escatológico, elas podem ter sido derivadas, muito provavelmente, de interpolações tardias.

Nesse sentido, vale ressaltar a tese defendida por Leslie Allen (cf. 1997) ao interpretar a seção formada pelos versículos 18-20 em referência ao perecimento do povo da aliança no deserto por causa de sua infidelidade. O paralelo é feito principalmente com os salmos 78 e 106. Se os versículos supracitados se referem à ruína dos ímpios, postos num precipício e, em seguida, destruídos de pavor, o mesmo ocorre no v. 33 do Sl 78, quando se afirma que a geração do êxodo pereceu no deserto “de terror”. Já a passagem do Sl 106,26 acrescenta que esta geração tombou no deserto, aí caindo e não gozando das promessas feitas na aliança. Desenvolvendo sua hipótese, Allen desautorizará qualquer tentativa de se interpretar a esperança que surge no salmo 73 em chave escatológica cristã. Ora, se os cristãos lêem os fatos marcantes de sua vida à luz do evento Cristo, do mesmo modo acontece com os judeus em referência ao evento fundante de sua história, a saber, a libertação do Egito. Assim sendo, o salmo seria uma forma de aplicação da história do povo de Deus ao caso pessoal do salmista que dolorosamente se depara com a impunidade dos ímpios, lembrando-se, ao final, que o destino deles é a queda no deserto, no terror. Lentamente o salmista reconhece que a providência de Deus é inabalável. Na expressão do autor: “A moral soberana de Deus assenhora-se da liberdade humana vilipendiada no campo de batalha do mundo cotidiano” (1997, p. 9).

Contudo, mesmo considerando a anacronia de qualquer atribuição escatológica cristã ao salmo, não podemos negar a grandeza de espírito dos versículos finais de nossa meditação sapiencial que, a nosso ver, consegue transcender as categorias ordinárias de tempo e espaço, ainda que não as transpondo para o eschaton cristão. Fazemos nossas as palavras de Carniti e Alonso Schökel:

Espaço e tempo são realidades contínuas, quantitativas. Nosso espírito conhece uma dimensão diversa, que é a intensidade (não me refiro à intensidade quantificável e mensurável da física). Há momentos na vida de tal intensidade, que parecem abolir o tempo em um instante: intensidade de dor, de gozo. O homem chega a sentir-se capaz de tolerá-las [...] Assim, algo sucede no salmo: ao gozar de uma experiência altíssima, profundíssima de Deus, descobre vagamente que isso tem que superar o tempo. Possuir a Deus dessa maneira supera os limites do experimentado e imaginado.

É nesse sentido que compreendemos os sentimentos do salmista de “arrebatamento”, de “eternidade” e o anseio que manifesta de permanecer junto de Deus, tendo-o como um refúgio (v. 28ab). Encontramo-nos diante da explosão de um coração traspassado por uma palavra de vida, de esperança, de retomada da aliança (como interpreta Allen)... uma palavra que se faz ao dizer porque provém daquele que é fiel, aquele que, no seu amém, permanece firme como a rocha (v. 26b). Palavra que, ao se manifestar, devolve a esperança, tornando-se outra vez palavra na boca daquele que decide “contar todas as suas obras” (28c).

Mas, atenção! O salmista somente chegou aqui porque sofreu, porque foi capaz de manter firme sua fé quando já a tinha dado por perdida. Ele não fugiu da dor da confusão e mesmo da humilhação que os ímpios lhe provocaram. Teve de mergulhar na noite escura da incerteza para chegar à luz radiosa experimentada no templo de Deus. A experiência mística a que nos referimos espaçadamente ao longo de nossa reflexão deve ser compreendida sob esse viés. Os cristãos bem que poderíamos ser tentados uma vez mais a ler este desfecho à luz do mistério pascal de Cristo. Contudo, também não pode ser este o nosso caminho. Neste sentido, Allen nos recorda que os acontecimentos da história do povo de Israel devem ser lidos à luz de sua experiência fundante de libertação do Egito, da provação por que teve que passar no deserto antes de chegar à terra da promessa. O deserto da vida, como nos mostra o salmo 73, é uma experiência de marcha, de seguir adiante, mas jamais sozinhos. Sinal de salvação é o povo, é a geração dos filhos de Deus que o salmista não consegue abandonar (v. 15); sua realização, não obstante, está em Deus, “sua porção¹⁰ para sempre” (v. 26b).

¹⁰ “Quando o justo está numa situação de injustiça, quando lhe é tirado tudo o que tem, aparece nos salmos o tema da herança, tendo como inspiração a interpretação que dela se fazia no caso da tribo de Levi a quem, por não poder possuir uma parte da terra, o próprio Senhor afirma ser sua herança, sua parte, sua porção. Aquilo que era atribuído a Levi passa a ser transposto nos salmos para a figura do justo injustiçado” (CABRAL, 2009). É o que acontece no caso de nosso salmo. O salmista se pergunta se vale a pena ser justo, mas quando se depara com a dureza de sua vida em contraste com o sucesso dos ímpios, percebe que somente em Deus pode ter sua herança.

Conclusão

Para concluir nosso estudo, ousamos fazer uma transposição do salmo para a atualidade a partir de nosso horizonte cristão de interpretação. Primeiramente, devemos constatar que este salmo apresenta um quadro fidedigno da realidade de sofrimento e morte por que passam, ainda hoje, milhões de inocentes nos mais distintos rincões do planeta. Permanece igualmente como escândalo a impunidade do ímpio que, favorecido pela globalização da economia, mais do que nunca “alça sua boca aos céus, percorrendo sua língua toda a terra” (v. 9). No meio dessa realidade contraditória e injusta o cristão é chamado a confessar a bondade de Deus. Louvor que, como no caso do salmista, só pode ser autenticamente proferido se realizado a partir de uma experiência concreta, encarnada na realidade de sofrimento humano.

Não nos é permitido fugir dessa realidade afirmando um céu em que as realidades terrenas não mais nos interessam (v. 25), pois para estar na presença de Deus, o nosso salmista teve primeiro de extenuar “a força centrípeta de seu próprio umbigo” (como diria o poeta Thiago de Mello), para perceber a importância de estar junto dos filhos de Deus. Somente quando se interpõe um “tu”, o salmista encontra um caminho de salvação que radicalmente se manifestará como totalmente outro, permitindo-nos contemplar na intensidade de um momento – num instante que transcende nossa realidade espaço-temporal – o destino final da vida humana apesar de toda e qualquer adversidade. Retoma-se, assim, a criação, a promessa de uma porção eterna que é Deus mesmo e, para nós cristãos, a promessa da vida eterna em Deus que deve ser contada e recontada no seio da cruenta história de nossos dias, numa firme esperança contra toda desesperança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Fontes textuais:

BHT - Transliterated Hebrew Old Testament; BRP - Portuguese Almeida Bible; WTT - Hebrew Old Testament. In: BIBLE WORKS. Software. Copyright © 2003, LLC.

BJ - *Bíblia de Jerusalém*. Ed. revista e atualizada. São Paulo: Paulus, 2004.

- Fontes de consulta:

AGOSTINHO, Santo. *Comentário aos salmos*: salmos 51-100. São Paulo: Paulus, 1997, p. 556-583 (salmo 73).

ALLEN, Leslie. Psalm 73: pilgrimage from doubt to faith. In: *Bulletin for biblical research*, v. 7, p. 1-10, 1997.

BEAUCAMP, Evode. *Le psautier*: ps 73-150. Paris: Lecoffre, 1979. v. 2, p. 1-9.

CABRAL, Wilson A. C. *Problema da retribuição* [pro manuscripto]. Belo Horizonte: FAJE, 2009.

CARNITI, C.; ALONSO SCHÖKEL, L. *Salmos (73-150):* traducción, introducciones y comentario. 2.ed. Estella: Verbo Divino, 1996. v. 2, p. 958-978.

DEISSLER, Alphonse. *Le livre des psaumes*. Paris, Beauchesne, 1966, v. 1, p. 340-345.

KONINGS, Johan; RIBEIRO, Súsie H. Agenda para o estudo de um texto bíblico. In: *Estudos bíblicos*. Petrópolis, v. 98, p. 11-32, 2008.

KRAUS, Hans-Joachim. *Los salmos: salmos 60-150*. Salamanca: Sígueme, 1995. v.2, p. 129-145.

MORLA ASENSIO, Victor. *Livros sapienciais e outros escritos*. São Paulo: Ave-Maria, 1994. v. 5, p. 325-345.

RAVASI, Gianfranco. *Il libri dei salmi: commento e attualizzazione (51-100)*. Bologna: Dehoniane, 1983. v. 2, p. 489-530.